

Música instrumental e vocal em um CAPSad

*Mila Paraná
Joel Luis Barbosa
Celso Benedito*

Universidade Federal da Bahia

miloca_parana@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho relata a experiência de uma oficina de música realizada como projeto de extensão da Escola de Música da UFBA em um Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas (CAPSad). Inicialmente, o objetivo foi formar uma banda de instrumentos de sopro e percussão, utilizando os métodos Da Capo e Da Capo Criatividade, com uma apresentação ao final do primeiro ano de atividades. Porém, a inconstância dos participantes relacionada ao tamanho do grupo demonstrou a impossibilidade de se tocar o repertório de banda proposto, pois este continha funções musicais específicas para certos instrumentos que requeria a presença regular dos participantes. A partir desta constatação, houve uma mudança da concepção metodológica. Assim, a oficina passou a ter como objetivo a atividade musical em grupo que não dependesse da presença regular de cada participante para executar seu repertório, mas que ao mesmo tempo produzisse a integração coletiva e o prazer individual deles. A nova metodologia de trabalho manteve a proposta pedagógica dos métodos Da Capo que são as aprendizagens de leitura de partitura, instrumentos, prática em grupo, improvisação, composição e de apresentação pública por meio de tocar e cantar melodias coletivamente, e incluiu instrumentos de cordas dedilhadas. Porém, trabalhou sobre arranjos próprios com texturas musicais mais simples, melodia acompanhada com ênfase em uníssonos, onde cada função musical era desempenhada por vários participantes. Ao final de três semestres de atividades, foi possível formar um grupo musical estável que realizou diversas apresentações. Além disso, os participantes do grupo que eram pacientes do CAPS, participando de outras oficinas do Centro, apresentaram redução do consumo de drogas.

Palavras chave: Ensino coletivo, CAPS, Redução de danos

Fundamentação

O relato de experiência se refere a um projeto de extensão da Escola de Música da UFBA (Universidade Federal da Bahia) que ocorre no CAPSad, Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas Gregório de Matos, ligado à UFBA e que trabalha com a abordagem de redução de danos causadas pelo consumo de substâncias psicoativas. Esta abordagem, segundo Paes (2006, p. i) “visa evitar doenças e danos físicos e sociais e desenvolver junto aos usuários o controle sobre o uso de drogas.” Ela permite o usuário manter o uso de drogas, em oposição à abstinência exigida pelo modelo tradicional. Paes acrescenta ainda que “Os

Programas de Redução de Danos [...] atuam capacitando usuários de drogas, profissionais de saúde e outras pessoas da comunidade para abordarem os grupos de usuários [...] através de atividades educativas.” (idem) O trabalho musical funcionou dentro deste contexto e fundamentou-se nos conceitos da filosofia *praxial* da educação musical de David Elliott (1995). Ele afirma que, “fundamentalmente, música é alguma coisa que as pessoas fazem” (ELLIOTT, 1995, p. 39) e que “a educação musical é uma fonte rica e única de diversos valores fundamentais da vida.” (p. 308) Entre estes valores, aponta o autoconhecimento, autocrescimento, prazer, satisfação musical, autoconfiança e autoestima. Assim, a metodologia de trabalho focou no fazer música, na práxis musical, e incluiu atividades educativas e lúdicas ligadas a leitura de partitura, prática vocal e instrumental em grupo e apresentações públicas.

Objetivos

O Projeto de extensão integrou as ações do CAPSad quanto à redução de danos causados pelo consumo de substâncias psicoativas. Este CAPS é gerenciado e coordenado pela UFBA e desenvolve pesquisas na área. O Projeto foi criado por convite do CAPS a Escola de Música UFBA. Por não ter formação em musicoterapia, desconhecer a literatura e não ter experiência na área, a equipe musical foi assistida por um arteterapeuta do CAPS. Dentro deste contexto, dois objetivos nortearam a prática musical: 1) acompanhar a relação entre o conjunto de atividades musicais aplicado e a redução de danos alcançada pelo grupo de pacientes, 2) observar a relação entre cada tipo de atividade musical realizada, considerando, principalmente, repertório e condução, e a recepção e motivação por parte dos participantes.

Metodologia

O relato abrange duas etapas consecutivas de trabalho com duas metodologias de trabalho diferentes. A primeira etapa durou um semestre letivo e a segunda dois. O objetivo da primeira era formar uma banda de instrumentos de sopro e percussão. Foram utilizados os métodos de ensino coletivo para instrumentos Da Capo (BARBOSA, 2004) e Da Capo Criatividade (2010), e arranjos didáticos. Os métodos trabalham habilidades de leitura de partitura, técnica instrumental, imitação, memorização, composição e improvisação, por meio

de tocar e cantar melodias do cancioneiro brasileiro arranjadas em texturas musicais diversas (melodia acompanhada, duetos e polifonia) para serem apresentadas publicamente.

Ao final do primeiro do semestre, a coordenação musical constatou a impossibilidade de se formar uma banda dentro do contexto do CAPS e elaborou, em diálogo com os participantes e equipe facilitadora, outra metodologia. A nova concepção metodológica deixou de considerar o Projeto como um curso. Passou a tratar o que, antes, eram aulas, como encontros musicais. Os participantes, não mais alunos, se encontrariam semanalmente para cantar e tocar, lendo e “de ouvido”, juntamente com os facilitadores musicais, melodias escolhidas e arranjadas coletivamente. Houve uma ênfase maior na atividade vocal. As mesmas habilidades propostas nos métodos Da Capo seriam trabalhadas, mas com a inclusão de instrumentos de cordas e arranjos mais simples.

As atividades da oficina de música eram planejadas a partir de avaliações musicais regulares feitas pela equipe de música e de reuniões da coordenação do Projeto e da facilitadora principal com o arteterapeuta do CAPS. Em relação a cada participante, ele informava, sua procedência, motivo de frequentar e relação com o Centro, condições econômicas, de moradia e pessoais, e situação de enfretamento ao consumo de drogas. Discutia-se como a oficina de música poderia ajudar o participante tanto na organização de sua vida pessoal, quanto na sua relação com a sociedade. A reação e desenvolvimento dos participantes eram observados e avaliados regularmente para auxiliar nas escolhas dos procedimentos metodológicos da oficina.

Resultados

Na primeira etapa, a equipe de música foi formada por um coordenador, um vice-coordenador (professores universitários de música), quatro facilitadores voluntários (um graduando em licenciatura, outro graduado em instrumento, um pós-graduando e um pós-graduado em educação musical) e um aprendiz de saxofone da comunidade universitária. Ela era assistida por um arteterapeuta responsável pelo setor das oficinas de artes do CAPS que atuou como moderador e participante do curso aprendendo trombone. Os demais participantes eram pacientes do Centro que aprendiam flauta transversal, clarinete, saxofone, trompete, bombardino, tuba e percussão.

As aulas ocorriam três vezes por semana com, aproximadamente, duas horas cada. No início, as atividades, realizadas com os alunos dispostos em formato de círculo, aconteciam na Escola de Música, depois, passaram para o pátio de uma igreja próximo ao CAPS e, por fim, ganharam importância no Centro e se fixaram em seu auditório e pátio.

No início, para se formar a banda de instrumentos de sopro e percussão, os alunos passaram por um processo de sensibilização para escolherem seus instrumentos. Com os facilitadores, aprenderam a manusear os instrumentos e produzir os primeiros sons, coletivamente. Nos três primeiros meses, trabalharam as treze primeiras lições do método Da Capo. No começo das aulas, eram realizadas atividades de aquecimento, imitação e improvisação, ao instrumento, assim como eram aprendidas melodias “de ouvido”, envolvendo os cinco primeiros graus da escala de Si bemol maior, como proposto no Da Capo Criatividade. As melodias foram a primeira parte de “Samba de Uma Nota Só” e o refrão de “Berimbau”. No meio do semestre, foi aplicada uma prova com perguntas de teoria e de execução de um exercício do método. A maioria errou as respostas ou não respondeu e, na execução, ninguém tocou todo o exercício bem. No fim do semestre, trabalhou-se um arranjo de “When the Saints Go Marching In” com cinco notas para cada instrumento, por meio de leitura e “de ouvido”. Não foi possível realizar uma apresentação musical pública.

A maior dificuldade encontrada nesta etapa foi a inconstância dos participantes nas aulas e, conseqüentemente, a impossibilidade de se formar um grupo. Um dos motivos era que a maioria deles residia na rua. Nesta condição, tem-se dificuldades para manter atividades pré-agendadas, pois perde-se a noção de horário e de dia da semana. Entre outros motivos, estavam problemas pessoais, confinamento domiciliar por ameaças sofridas por traficantes, prisões e até mesmo mortes. Outra dificuldade era que os participantes só tinham contato com o instrumento durante as aulas, pois estes pertenciam ao Projeto. Podiam usá-lo em outras horas no CAPS, mas precisavam solicitá-lo, previamente. Dessa forma, não foi possível ter um grupo estável, nem avançar, significativamente, no aprendizado e, ainda menos, formar uma banda, pois cada instrumento desempenhava uma função musical específica nos arranjos. Como o grupo era pequeno, quando alguém não comparecia ou deixava o curso, sua ausência inviabilizava a execução do repertório e, quando um novo participante era admitido para substituí-lo, este não conseguia acompanhar as aulas dos veteranos.

Com a metodologia empregada na segunda etapa, os arranjos ficaram mais simples. O facilitador ou um participante sugeria uma música e, após aceita, todos contribuíaam na elaboração de seu arranjo. Ela passou a valorizar mais a parte vocal e incluiu, além dos instrumentos de banda, os de cordas dedilhadas, tocando harmonia e/ou melodia, e flauta doce. Uma mesma função musical, instrumental ou vocal, passou a ser realizada por diversos participantes, em uníssono. Assim, o novo grupo musical deixou de ser dependente da participação individual. Os arranjos foram das músicas “Asa Branca”, “Engenho Novo”, do refrão de “Berimbau” (novo arranjo) e “Samba do CAPS”. Esta última foi composta por um dos participantes e alguns contribuíaam escrevendo e cantando sua própria estrofe.

Os encontros continuaram sendo três vezes na semana e um dia era dedicado somente aos instrumentos de sopro. A dinâmica dos encontros passou a ser dividida em três partes com os participantes em círculo. Na primeira, era feito aquecimento corporal com alongamento e relaxamento. A segunda se constituía de um aquecimento vocal onde se cantava células melódicas curtas. Elas eram feitas com sílabas e vogais aleatórias ou com nome de notas, contendo ou não células rítmicas realizadas por palmas, estalos de dedos e batidas de mãos no corpo ou de pés no chão, simultâneas ou seguidas às melódicas. O facilitador as realizava e os participantes imitavam-nas. Depois cada participante improvisava a sua que era imitada por todos. Às vezes, as células eram apenas rítmicas com os nomes das notas e sem entonação para que os participantes automatizassem estes nomes e se sentissem mais próximos do fazer música. Na terceira parte, a mais longa, trabalhava-se o repertório e, a cada arranjo, os integrantes sugeriam o que acrescentar ou modificar, durante o período de construção do mesmo.

Observou-se que a participação e as atividades se tornaram mais prazerosas e dinâmicas para os participantes. Algumas vezes, havia diálogos onde cada um falava o que precisava melhorar em seu instrumento, sobre sua vida e em que a música estava contribuindo-lhe pessoal e socialmente.

A equipe de facilitadores mudou, contendo dois graduandos, um graduado e um pós-graduado. O moderador e o aprendiz de saxofone continuaram e, às vezes, havia visitantes e estagiários. O grupo de participantes se renovou, permanecendo apenas quatro integrantes da proposta anterior. Durante os meses seguintes, participaram um total de sete pessoas para tocar cavaquinho e violão, três para trompete, três para flautas doce e transversal, um para

clarinete, um para saxofone, um para trombone e seis para percussão. Alguns pacientes obtiveram seus próprios instrumentos. Contudo, houve migração de um instrumento para o outro e nem todos permaneceram até o fim desta etapa.

Como um novo grupo estava se formado, ocorreram, no início, problemas de relacionamentos entre pacientes, destes com o arteterapeuta e, uma vez, com a facilitadora principal. Quando isso acontecia, ao final da aula, os problemas eram trabalhados com diálogos. Ficou estipulado que para se formar um grupo, todos deveriam respeitar o limite do outro e como forma de organização, a facilitadora e o moderador deviam ser respeitados em primeiro lugar. Mesmo com algumas discussões e olhares desconfiados entre si, todos respeitaram essa regra durante a oficina.

No fim do segundo semestre, ocorreu uma apresentação em homenagem ao aniversário de dois anos do CAPS. O grupo tocou as quatro músicas citadas anteriormente no pátio do Centro. Todos ficaram animados com essa apresentação e não houve muita exigência quanto à qualidade para não perder o foco da nova proposta que era o encontro para fazer música e não tanto a formação de um grupo para se apresentar publicamente. Os encontros, antes desta apresentação, foram confusos, pois todos estavam nervosos. Foi necessário fazer ensaios simulando a apresentação. Pouco antes do horário marcado para a apresentação, durante um ensaio no pátio onde todas as músicas estavam sendo passadas, as pessoas começaram a chegar e o ensaio acabou sendo a apresentação. Dessa forma, os participantes tocaram mais tranquilos e sem a pressão que eles mesmos haviam impostos a si mesmos. Tocaram bem e a plateia pediu bis. Nos encontros que seguiram essa apresentação, treinou-se mais improvisação instrumental com até cinco notas. Os alunos também pediram para que fosse ensinada mais teoria musical, o que foi acatado.

No início do terceiro semestre, passaram a ter apenas dois encontros semanais de duas horas cada. O encontro para instrumentos de sopro foi retirado, pois o facilitador responsável não pôde mais participar. O grupo apresentou-se em um evento realizado por um hospital psiquiátrico que também possuía um grupo musical. Por motivo dessa apresentação, os participantes e facilitadores foram entrevistados e fotografados por um jornal e emissora de rádio local. Chegando ao hospital, percebia-se que alguns participantes e facilitadores não estavam à vontade no local. O encontro aconteceu no pátio do Hospital. Alguns internos já estavam tocando e cantando algumas músicas. O grupo apresentou os arranjos de “Berimbau”

e “Samba do CAPS”. Depois o grupo do hospital se apresentou. No fim, os dois grupos se apresentaram juntos. Aos poucos, alguns participantes do CAPS ficaram mais a vontade, mas outros permaneceram receosos.

No terceiro semestre, os encontros continuaram com a mesma metodologia e dividida em três partes. O grupo se tornou menor, porém mais estável, sendo composto por uma flauta transversal, duas flautas doce, um clarinete, um saxofone, dois trompetes, um trombone, dois cavaquinhos, três violões e dois percussionistas. Somente dois facilitadores atuavam, sendo que um somente em um dia da semana ajudando os participantes de instrumentos de sopro. Foram acrescentadas ao repertório as músicas “When the Saints Go Marching In”, em novo arranjo com voz, “Coachando” e “Nadando no Chocolate”, músicas compostas pela facilitadora principal.

Aconteceram mais duas apresentações. Uma delas, no espaço da oficina de tecelagem do CAPS. Três facilitadores ajudaram na execução das músicas. Todos estavam à vontade e tocaram com muita empolgação. A outra ocorreu em um pequeno teatro da cidade. Por causa de faltas e poucos encontros realizados, decorrentes de feriados, a maioria dos pacientes estavam tensos. Aconteceu, inclusive, uma discussão entre duas participantes por questões musicais, durante o ensaio no local. A facilitadora tentou acalmá-las, dizendo que nenhuma das duas estava errada musicalmente e que o motivo era porque o grupo estava muito tenso. Essa discussão causou uma inimizade entre elas que durou até o fim do semestre. Mesmo com poucos ensaios, a música Coachando foi a que soou melhor. Mas o Samba do CAPS não ficou tão bom. Impressionados com as luzes e a plateia, um dos percussionistas perdeu o pulso por alguns momentos, outros esqueceram algumas notas e a sonoridade geral ficou estridente. No encontro posterior à apresentação, foi mostrado o vídeo da apresentação e discutido o que precisava ser melhorado. Com a presença de todos, foi decidido que quem não estivesse frequentando assiduamente os encontros teria que deixar o Projeto. Depois desse acordo, as faltas diminuíram e a prática de leitura musical e dos instrumentos passaram a acontecer também fora dos encontros regulares.

No fim do terceiro semestre, foi feita uma apresentação na Reitoria da Universidade como parte do recital de mestrado da facilitadora principal. Antes dessa, teve um ensaio geral na Escola de Música, onde todos tocaram bem, apesar de ser perceptível o nervosismo e ansiedade dos participantes, querendo fazer o melhor para a facilitadora. Também puderam

assistir ao ensaio da banda da Escola que tocou na mesma apresentação. Observaram a disciplina e o respeito entre alunos e regente, além da qualidade e dedicação ao tocarem. Mesmo com os erros, os pacientes do Centro tocaram bem as músicas, exceto Coachando. Foram elogiados por muitos dos presentes.

No encontro posterior, os participantes viram o vídeo desta apresentação e a maioria percebeu os erros de notas, dinâmica e entradas. Elogiaram quem tocou bem e fizeram propostas para melhorarem tanto durante as apresentações, quanto nos encontros. Dois alunos deram depoimento do quanto foi bom assistirem o ensaio da banda e incentivaram o grupo a ter mais disciplina durante as aulas e dedicação música. Alguns manifestaram o desejo de participar da banda da Escola.

Na última reunião do semestre, o moderador informou que os participantes da oficina reduziram o consumo de drogas. Atribuiu isso ao conjunto de atividades que eles participavam, mas acreditava que a oficina de música teve um papel significativo. A frequência estava regular nos últimos meses. Concluiu-se que o grupo estava formado. Por último, ele informou que a procura pela oficina de música estava grande, mas, achava que a entrada de novos integrantes no grupo poderia causar problemas. Assim, sugeriu criar um novo grupo.

Conclusão

Ao final do primeiro semestre, constatou-se que, devido aos problemas de faltas e desistências, seria impossível formar uma banda musical que realizasse apresentações públicas. Os motivos podem ter sido a metodologia de ensino, a formação do grupo que era composto, em sua maioria, por moradores de rua e/ou mesmo por ser esta uma atividade nova no CAPS. Por outro lado, nos dois semestres seguintes, a mudança metodológica, a diminuição dos moradores de rua no grupo, assim como o amadurecimento da compreensão dos requerimentos para fazer música coletivamente, pelo tempo de presença da atividade no Centro, podem ter sido os motivos que permitiram a formação de um grupo estável. Aqueles que participaram das duas propostas metodológicas disseram que, nos segundos e terceiros semestres, conseguiram entender e melhorar o desempenho no instrumento e sentiram mais confiantes em si e no grupo. Perceberam que estavam mais unidos e preocupados com os colegas. Também foi possível observar uma maior motivação entre eles.

Diante dos desafios encontrados, confirmou-se que os métodos e propostas de trabalho em música precisam se adequar a diferentes situações e grupos. Percebeu-se a importância das diferentes abordagens de trabalho de cada facilitador, que atuou regendo ou ensinando instrumentos, para os diferentes processos de aprendizagem dos participantes. O moderador das oficinas de artes comentou: “A atuação (posturas diferentes) de cada professor, reforça o aprendizado dos participantes da oficina”. Notou-se também que as dificuldades dos participantes em manter disciplina e ter paciência, consigo e com o próximo, foram minimizadas com a consciência de trabalho em equipe onde cada um buscava o prazer individual de conseguir tocar e agradar a si e ao outro. Por fim, é desejado tanto pela equipe de música quanto pelos participantes, moderador e direção do CAPS que o Projeto continue, pois está cooperando na redução de danos relacionada ao uso de substâncias psicoativas dos pacientes.

Referências

BARBOSA, Joel L. Da Capo Criatividade: Método Elementar para o Ensino Coletivo e/ou Individual de Instrumentos de Banda. Jundiaí, SP: Keyboard Editora Musical, 2010.

_____. Da Capo: Método Elementar para o Ensino Coletivo e/ou Individual de Instrumentos de Banda. Jundiaí, SP: Keyboard Editora Musical, 2004.

ELLIOTT, David J. Music Matters: A New Philosophy of Music Education. New York: Oxford University Press, 1995.

PAES, Paulo Cesar Duarte. Ensino aprendizagem na prática da redução de danos. Tese (Doutorado em Metodologia do Ensino)-Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. 324 F.